

CAPÍTULO 21

REPERCUSSÕES DA HOMOFOBIA NA ESCOLA: UM ESTUDO DE CASO

Felipe Salviano Ramos
Lúcia Maria Temóteo
Francisco Daniel Coelho Viana
Joaquim Alves Diniz
Jordan Prazeres Freitas da Silva

RESUMO

A homofobia é caracterizada por hostilidades psicológicas e físicas a pessoas LGBTQIA+. Assim, este artigo objetiva compreender a relação entre a homofobia no ambiente escolar e a construção da subjetividade do indivíduo vítima da violência. Nesse sentido, trata-se de um estudo de caso, cujo participante foi um jovem que sofreu homofobia na escola. Para análise do material empírico apreendido, utilizou-se a entrevista semiestruturada, e para análise dos dados, recorreu-se à análise do conteúdo temático-categorial. Foi possível perceber que a homofobia na escola tem efeitos no desenvolvimento emocional de quem sofre a violência, e que, diante do cenário escolar, alguns professores omitiam a homofobia e acabavam, implicitamente, perpetuando e praticando a discriminação. Portanto, as reflexões feitas neste artigo, a respeito das atitudes tão comuns nas escolas que normatiza e enquadra a sexualidade, podem contribuir para repensar a dificuldade do espaço educacional e conviver com a diversidade sexual.

PALAVRAS-CHAVE: Homofobia. Escola. Pessoas LGBTQIA+. Estudo de Caso.

1. INTRODUÇÃO

A homofobia corresponde à discriminação ou preconceito em relação a pessoas de orientação sexual não heterossexual e engloba estereótipos, crenças e atitudes negativas contra os indivíduos que estão fora dos padrões estabelecidos pela heteronormatividade, ou seja, as pessoas de orientação heterossexual, ditas “norma” pela sociedade. Nesse mesmo sentido, a homofobia na escola pode ser conceituada como o preconceito ou discriminação contra indivíduos não heterossexuais que ocorre dentro do ambiente escolar.

A sexualidade ainda é tema de difícil abordagem e, não raro, a escola é o primeiro contato com o assunto. No entanto, no âmbito escolar, a sexualidade na maioria das vezes é apresentada com um enfoque biológico, representado pelo sexo feminino e masculino, macho e fêmea, completamente desvinculado de qualquer aspecto subjetivo do ser humano, relacionando-se apenas com as características fisiológicas e com os órgãos genitais que cada ser possui, impondo a análise de gênero um caráter dicotômico, com a existência de homem ou mulher como únicos gêneros possíveis ao ser humano. Assim pressupõe que a escola pode se revelar como um local de discriminação, preconceito e de transmissão de estereótipos.

Adolescentes são indivíduos em formação e precisam de uma referência simbólica e de uma vinculação social para a construção da personalidade e a escola tem o papel não apenas na construção intelectual do indivíduo, mas também de proporcionar esse referencial simbólico a partir de valores e visões que se coadunem com a realidade social. Dessa forma, sendo a escola um espaço de construção e consolidação de valores que farão parte de toda a vida do indivíduo, deve estar pronta para apresentar o ser humano para além dos estereótipos heteronormativos e discutir a diversidade.

A discussão de sexo e gênero se dá por uma série de significados culturais que são socialmente falados sobre o corpo, mas vale ressaltar que sexo e gênero são duas categorias distintas e dicotômicas. Essa perspectiva dicotômica sobre gênero tem como consequência a construção de padrões que já não mais correspondem à realidade social atual e o resultado disso são indivíduos incapazes de perceber para além do sexo biologicamente determinado e a violência, a discriminação e o preconceito podem surgir como os mecanismos de exteriorização dessa incapacidade, que se mantém fomentada pelos roteiros curriculares que ditam os padrões “normais” a partir da ótica heterossexista, sem espaço para o respeito às diversidades, principalmente à diversidade sexual.

A orientação sexual, a raça e a diferença de gênero são os principais alvos de violência, discriminação e preconceito e são também esses considerados elementos estruturantes da identidade de um indivíduo, e de acordo com o Relatório sobre Violência Homofóbica no Brasil de 2012 (BRASIL, 2013), mais de 13% das vítimas de homofobia estão na faixa etária abaixo dos 18 anos, em 58,90% dos casos a vítima conhece o autor da violência e 83,20% das violações denunciadas são de violência psicológica. Assim, para os adolescentes, que estão em processo de formação e construção de sua identidade, a homofobia escolar se constitui como um tipo de violência psicológica ainda mais danosa para aquele que está tentando “se encontrar” e, em sua maioria tem a escola como ponto de suporte já que geralmente não encontra apoio no seio familiar.

Segundo o estudo de Carrara e Lacerda (2011), os grupos etários mais jovens, ao contrário do senso comum, não se tornaram mais compreensivos em relação à homossexualidade, imputando-a como uma doença ou falha moral e sendo tolerada desde que confinada entre quatro paredes. Esses achados revelam que o ambiente escolar, que deveria ser um ambiente acolhedor, se torna um campo de batalha diário e a humilhação e a violência, principalmente a psicológica, são armas utilizadas, o que é ainda mais traumático em

adolescentes já fragilizados e vulneráveis, tendo em vista que, geralmente, em casa, tem de enfrentar uma outra guerra.

A intolerância e não aceitação da diversidade sexual acabam gerando problemas severos que a violência psicológica, segundo dados apresentados no Relatório sobre Violência Homofóbica no Brasil de 2012 (BRASIL, 2013), o Estado da Paraíba apresentou um dos maiores índices de homicídios por homofobia noticiados por 100 mil habitantes, cerca de 0,53 homicídios por 100 mil habitantes, além disso, há registro que discriminação e a violência psicológica são os principais tipos de violação denunciadas.

Diante dessa situação de incompreensão e hostilidade, não é difícil perceber a complexidade e a amplitude dos conflitos que as vítimas de homofobia têm de enfrentar, ainda mais quando se trata de adolescentes e no ambiente escolar. Portanto, o interesse a respeito do tema surgiu a partir do desejo enquanto estudante do curso de psicologia de aprofundar os conhecimentos na área de gênero e sexualidade, sendo este interesse motivado pelo fato de ter sido testemunha de situações de homofobia, como também por ouvir relatos de pessoas que sofreram esse tipo de violência e constatar a repercussão traumática na vida dessas pessoas. Para tanto, a presente pesquisa tem como objetivo geral conhecer a repercussão da homofobia na vida de um jovem, vítima dessa violência no ambiente escolar. O trabalho parte do princípio de que a homofobia traz consequências emocionais para aquele que a vive, a intenção aqui é caracterizar essas consequências, buscando entender como ela penetra, caminha e, provavelmente, interfere na construção da subjetividade do indivíduo. Será utilizado como metodologia o estudo de caso e terá como entrevistado um jovem vítima de homofobia.

Além das questões acima colocadas, outras que norteou a pesquisa, foram elas: Como reage a vítima de homofobia escolar em relação ao processo de ensino-aprendizagem? Que posições os atores, como professores, gestores e colegas, das escolas se colocam diante da homofobia? Combatem a homofobia ou a perpetua?

O estudo tem como objetivos: conhecer a relação entre a homofobia escolar e a construção da subjetividade do sujeito vítima da violência, Entender as características das consequências emocionais da homofobia, compreender a reação da vítima da homofobia em relação ao processo ensino aprendizagem, caracterizar a postura do professor/gestor/colegas diante da problemática da homofobia a partir da percepção do indivíduo da pesquisa.

2. MÉTODOS

Foi utilizado o método de Estudo de Caso, que é caracterizado quando a proposta de pesquisa é destinada a abranger uma pessoa, poucas pessoas, uma família, um produto, uma empresa como também um órgão público. O estudo de caso é uma análise, e nota-se o quanto interessante e rico é o detalhamento desse fator envolvido, essa pesquisa contará com um relato das questões envolvidas no problema de pesquisa (VERGARA, 1998).

O estudo tratou-se de uma pesquisa do tipo qualitativo, com base em entrevista com questões norteadoras, a fim de buscar compreender a natureza do fenômeno social investigado. O ambiente de inserção da população se configurará enquanto fonte da pesquisa, levando em consideração a relação entre o mundo e o indivíduo, e o processo de coleta de dados (TRIVIÑOS, 1987).

O pesquisador que utiliza o método de abordagem qualitativa ele busca relatar o porquê do fenômeno, exprimindo o que convém ser feito, não quantificam os valores e não se submete à prova de fato. Algumas características dessa pesquisa são objetivação, descrever, compreender e explicar o fenômeno (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

O estudo de caso foi realizado no município Paraibano, tendo em vista alcançar os objetivos aqui propostos, com base na metodologia qualitativa, utilizou-se uma entrevista aberta com o uso de roteiro com a entrevista em profundidade, com questões abertas previamente elaboradas que tratam da temática em foco.

O pesquisador contou com um roteiro prévio em que ele foi constituído por perguntas principais sobre o problema de pesquisa exposto. Ao confeccionar esse roteiro prévio o pesquisador está organizando a sua entrevista e assim colhendo as informações para analisar o conteúdo exposto pelo participante do estudo de caso.

Os dados foram colhidos através da entrevista em profundidade que foi realizada com o participante da pesquisa que sofreu homofobia no contexto escolar. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisas (CEP). Ao receber o parecer do CEP deu-se início a coleta de dados. Com o intuito de chegar aos objetivos propostos, à coleta de dados foi realizada em um encontro com o participante da pesquisa, todas as informações foram explicadas como o sigilo, foi colocado ao jovem que a pesquisa irá servir de subsídios acadêmico, o participante rubricou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Para Bardin (2011) essa análise enquanto método, ela é um conjunto de técnicas para analisar as comunicações que utilizam procedimentos sistemáticos de descrição de conteúdo.

Através da análise dos dados foi verificado e caracterizado as consequências que a violência homofobia seja ela psicológica ou física trouxe para a vida dessa pessoa, e como interfere na subjetividade, como foi essa homofobia e detalhar esse fenômeno.

Bardin (2011), fala da importância do rigor ao utilizar a análise de conteúdo, que foi proposta por ele, servirá para o pesquisado descobrir o que está sendo pesquisado. Essa técnica a análise de conteúdo ao longo dos últimos anos vem ganhando um grande desenvolvimento, essa afirmação pode ser feita a partir dos crescimentos de publicações realizadas.

O projeto foi submetido à avaliação, apreciação, e provação do Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade Santa Maria (CEP-FSM) – Cajazeiras- PB e obteve parecer favorável sob a numeração 1.921.543. Foi entregue ao participante uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), fornecendo-lhe informações sobre o estudo ao qual está sendo convidado a participar, critério preconizado na Resolução 466/2012, do Conselho Nacional de Pesquisa e Ensino e Conselho Nacional de Saúde, que dispõe sobre normas éticas para pesquisa com seres humanos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A coleta de dados foi colhida em um encontro, o conteúdo relatado é suficiente para prosseguir o trabalho sem o menor prejuízo para abarcar os objetivos propostos no projeto da pesquisa, conforme também poderá testemunhar o leitor. A partir da fala do jovem participante foram ressaltados três eixos aqui colocados em forma de categorias, que ficaram assim denominados: a família, a infância e a descoberta; o social e o trabalho e o terceiro a experiência na escola.

3.1 A família, a infância e a descoberta

Os pais do Entrevistado 1 separam-se antes dele completar um ano de idade. Ele vive com a mãe, o padrasto e com seu irmão, fruto do atual relacionamento de sua mãe. Atualmente, o jovem não tem nenhum contato com o pai biológico. Até os quatro anos, quando vivia com sua mãe na mesma cidade do seu pai, ele teve contato com o pai apenas em datas de aniversário e Natal. Segundo ele relata, eram encontros curtos o que dificultou criar-se vínculo afetivo de pai e filho.

Assim o Entrevistado 1 descreve a sua relação com a família:

A relação com a minha família é bem tranquila, a minha mãe aceita de boa... eu acredito que ela não aceita, ela respeita, mas é bem tranquilo com a minha família também. Às vezes me chamam de “viado, viadinho, bichinha”, mas é normal, nada

sério, nada que eu vá levar como uma coisa que vá me chatear (ENTREVISTADO 1, 2016, informação verbal concedida em 10/10/2016).

Esses “xingamentos” vêm da própria família, o Entrevistado 1 informa que sua mãe lhe dá algumas orientações quanto a relações amorosas e quanto à prevenção de sua saúde. De acordo com a sua fala, a sua mãe “costuma dizer que esse mundo não é um mundo fácil. É “sujo e cheio de pessoas perigosas, enfim, então ela está sempre me alertando” (ENTREVISTADO 1, 2016, informação verbal concedida em 10/10/2016). O jovem afirma que a mãe se interessa em saber sobre suas relações. Diz ainda, que ela supriu as necessidades e deveres de uma figura paterna, juntamente com a tia e a avó. Em nenhum momento, ao falar sobre a figura pai, o Entrevistado 1 mencionou o padrasto.

Pode-se analisar que a partir da fala do Entrevistado 1, a mãe diz que o mundo em que ele está inserido é “sujo”, pode-se ressaltar também que a criação do Entrevistado 1 se deu por três mulheres. A mãe e o padrasto casaram-se quando ele tinha seis anos, então nos primeiros anos de vida, teve uma ausência da figura masculina no seu ambiente familiar. O Entrevistado 1 relatou ter um irmão mais novo e me descreveu a sua relação com ele: “Tenho um irmão (Risos), é bem tranquilo um acoberta o outro, por que nós dois somos, (Risos), foi difícil para meu irmão, pois ele só tem 15 anos, aí foi mais difícil, eu que acoberto as coisas dele” (ENTREVISTADO 1, 2016, informação verbal concedida em 10/10/2016).

Ao relatar a sua relação com o irmão, o Entrevistado 1, sorridente, fala que o irmão assumiu a orientação sexual para a família muito cedo, e que, por isso, o protege e acoberta alguns de seus “segredos”. Acoberta para a mãe, e defende o irmão quando necessário, o Entrevistado 1 alega ser difícil para ele, a mãe quer estar no controle o tempo todo e mesmo assim os filhos escapam. O Entrevistado 1 revela que a superproteção das mulheres responsáveis pela sua criação o impediu de ter infância.

Eu costumo dizer que eu não tive infância, porque a diferença de idade entre mim e meu irmão é grandinha, então eu fui filho único por algum tempo, então era aquela criança protegida, que não podia ir na rua brincar, eu brincava sozinho, tudo sozinho, então costumo dizer que praticamente não tive infância (ENTREVISTADO 1, 2016, informação verbal concedida em 10/10/2016).

A criança ao brincar traz para o momento objetos e fenômenos decorrentes de sua realidade externa, ou seja, dos vínculos afetivos, familiares e sociais, no brincar a criança expressa os seus sentimentos, desejos, a sua realidade interna e externa (WINNICOTT, 1975). Os brinquedos do Entrevistado 1 eram carros e bonecos, entretanto, isso não o satisfazia já que o seu desejo era o de possuir uma boneca. Esse desejo era realizado, às escondidas, ao pegar

emprestadas as bonecas de suas primas. Diz que era muito esperto e que quando alguém da família encontrava as bonecas em seu quarto, falava que as primas haviam esquecido por lá.

De acordo com Brougère (2004), ao nascer às crianças são inseridas em um mundo projetado pelos pais; estão ali sendo representadas pelas vontades e desejos deles. Nascer do sexo biológico masculino implica, na sociedade em que se vive uma determinação compulsória encabeçada pelos pais, a qual diz que azul é cor de meninos, e que brincar com meninas e gostar da cor rosa não é recomendável. Esse é um discurso que não guarda relação com o ser criança, mas sim é um reflexo da heteronormatividade, isto é, uma imposição social sobre os corpos humanos.

Sobre as brincadeiras infantis, afirma o Entrevistado 1:

Era ótimo, com os carros eu achava sem graça, eu amava fazer roupas, fazer os cabelos delas, achava que ia até ser cabelereiro, mas enfim. Eu achava melhor, tipo, achava mais interessante brincar de boneca como ainda não entendia o que era a homossexualidade e o que era gay, não entendia por ser novo, criança, eu achava simplesmente que a boneca tinha mais opções de brincar do que com um carro ou com um Max Steel •, eu odiava Max Steel em todo aniversário eu só ganhava Max Steel, mas sempre queria uma Barbie e nunca ganhei (ENTREVISTADO 1, 2016, informação verbal concedida em 10/10/2016).

Ele acredita que foi “tardio” assumir a sua orientação homossexual aos 19 anos de idade. Afirma, ainda, que reprimia a sua sexualidade por medo da rejeição familiar. Disse, também, que “tentou um relacionamento heterossexual” para se enquadrar nos padrões de aceitabilidade heteronormativos, porém, conforme informa isso não era o satisfazia. De acordo com Porchat (2011), essas questões colocadas anteriormente devido às normas partindo da ótica heterossexista, são acompanhadas na maioria das vezes de um sofrimento emocional, e com isso acaba dificultando a aceitação de si, diante da orientação sexual.

O Entrevistado 1 caracteriza o medo e o bloqueio em assumir a sua orientação da seguinte forma:

Medo de ser negado, ser colocado para fora de casa, de perder o amor de meus familiares, porque, até então, assumidos da minha família só eu e meu irmão, então aparentemente entre aspas não tem mais, era o medo da rejeição familiar (ENTREVISTADO 1, 2016, informação verbal concedida em 10/10/2016).

Após revelar para a família sobre sua orientação sexual, o Entrevistado 1 diz que passou a sentir “orgulho de sua pessoa e essência”. Sobre isso ele diz: “Eu me orgulho de ser viado, eu costumo dizer que sou viado, bicha, bichérrima, bichinha” (ENTREVISTADO 1, 2016, informação verbal concedida em 10/10/2016), fala como se intencionasse provar como sentiu-se realizado após assumir sua orientação homossexual.

3.2 O social e o trabalho

O Entrevistado 1 trabalha na área da saúde e, devido a sua performance de gênero afeminada, foi chamado atenção em seu local de trabalho. Ele disse que, por períodos, atende as expectativas que a sociedade tem para as pessoas do sexo masculino, já em outros, afasta-se dessas expectativas, performando um gênero mais próximo da feminilidade. Segundo ele:

Hoje em dia eu tô bem mais afeminado, bem mais que antes, eu costumava dizer que não, mas as pessoas do meu convívio diziam que eu era homem até não abrir a boca, porque se eu abrisse a boca saía borboletas, pronto (ENTREVISTADO 1, 2016, informação verbal concedida em 10/10/2016).

O jovem sofreu discriminações homofóbicas de distintas ordens, dentre elas chacotas por parte de crianças na rua; por colegas de trabalho; e por homens “brutos e rústicos”. Na escola, ele relata que a homofobia se caracterizou por hostilidades psicológicas e uma “quase violência sexual”:

Na adolescência já beirando o ensino médio, é que nem eu postei no meu Facebook, um meninozinho, eu vinha passando na moto falando normal ele simplesmente disse: oi bicha. Eu eu respondi: oi, porque hoje em dia isso não me atinge mais, é a mesma coisa de eu chamar um cachorro de cachorro, ou uma vaca de vaca, pronto (ENTREVISTADO 1, 2016, informação verbal concedida em 10/10/2016).

É possível notar, nas histórias de vida e a teoria também relata que, ao longo da vida de uma pessoa de orientação homossexual, em vários momentos ele/ela é discriminado (a) verbalmente, com as hostilidades psicológicas: bicha, viado, poc poc, queima rosca, pão com ovo, entre outros. Agora lanço a discussão que o Entrevistado 1 me fala em um momento da entrevista “Eu sou bicha, bichérrima” e como podemos verificar ele relata “é a mesma coisa de chamar [...], e cita dois animais irracionais” (ENTREVISTADO 1, 2016, informação verbal concedida em 10/10/2016). Entrevistado 1 é mais um nas estatísticas de homofobia, na escola, no ambiente familiar mesmo indiretamente, no trabalho e ambiente social.

As discriminações de homofobia no trabalho e ambiente social deixam as pessoas homossexuais em uma situação de “desconforto”, visto que as oportunidades de emprego são negadas, as hostilidades psicológicas se fazem presentes. O Entrevistado 1 relata que foi chamado atenção no trabalho devido aos seus traços afeminados, isso por não se enquadrar na performance heterossexual. Além de tudo colocado acima, outra forma de homofobia social, de acordo com Daniel Borrillo (2010), é quando a pessoa de orientação homossexual é “tratada” de uma forma inferior, e até mesmo intelectualmente á outras pessoas.

3.3 A Escola

O Entrevistado 1 estudou em uma escola religiosa, local em que foi vítima de homofobia por parte de professores e alunos. Segundo o Entrevistado 1, havia professores que “eram tranquilos e fingiam que nada estava acontecendo” (ENTREVISTADO 1, 2016, informação verbal concedida em 10/10/2016) e outros que, diante de sua sexualidade, agiam de forma mais agressiva, com comentários irônicos e piadas.

Quando o Entrevistado 1 começou a falar sobre a escola, mudou o seu semblante de, inicialmente um jovem alegre, brincalhão, para uma pessoa sensivelmente triste. De acordo com o Entrevistado 1, a escola era extremamente rígida, profundamente heteronormativa, conservadora e religiosa, “tinha que andar na linha [...], homem é homem, mulher é mulher” (ENTREVISTADO 1, 2016, informação verbal concedida em 10/10/2016).

Ao ser solicitado a descrever como foi sofrer homofobia no contexto escolar, o Entrevistado 1 ficou em silêncio por alguns segundos e relatou o seguinte: “acredito que uma violência homofóbica, e uma quase violência sexual [...]” (ENTREVISTADO 1, 2016, informação verbal concedida em 10/10/2016), não quis me relatar sobre essa quase violência sexual, e isso foi respeitado. Ele descreveu que sente um bloqueio sexual e sua teoria para explicar o porquê desse bloqueio foi à homofobia na escola. Ele diz:

Até hoje eu tenho um bloqueio terrível em questão a sexo, eu posso fazer tudo, posso fazer algo da ponta da cabeça a ponta do pé da pessoa ou vice e versa, mas eu tenho um pouco de bloqueio em questão ao sexo em si, a penetração, e ligo isso à homofobia, na maioria das vezes quando me relaciono com alguém na hora lá que está no auge no maior tesão, eu quebro o clima, e simplesmente visto a roupa, não procuro mais a pessoa (ENTREVISTADO 1, 2016, informação verbal concedida em 10/10/2016).

Quando se relaciona com alguém afetiva e sexualmente, caso lembre da homofobia sofrida no ambiente escolar, acaba se distanciando da pessoa. Ele falou que isso é algo que acontece com certa frequência e que, diante desse comportamento, tem profundas dificuldades para se envolver afetiva e sexualmente com outro homem:

Porque se eu visse a pessoa eu me lembrava do acontecimento, pelo simples fato de ter feito eu me lembrar, então aquela pessoa já não me deixava muito bem e eu acabava me distanciando, não sei nem porque eu estou aqui hoje (ENTREVISTADO 1, 2016, informação verbal concedida em 10/10/2016).

É perceptível o desconforto, o incômodo do Entrevistado 1 ao relatar certas particularidades de sua vida, sobretudo as que se relacionam com a homofobia escolar e com as violências sexuais sofridas. Na sala de aula, o Entrevistado 1 sempre gostou de ter amizades com pessoas do gênero feminino, pessoas com as quais ele mais se identificava. Sobre essa

relação com meninas, de maneira muito entusiasmada, ele diz que os assuntos eram mais interessantes: “garotos, filmes românticos, cabelos e maquiagens” (ENTREVISTADO 1, 2016, informação verbal concedida em 10/10/2016). Com meninos, a amizade era bem difícil:

Eu até tentava ter amigos homens heterossexuais, mas eu chegava na turminha que estavam falando sobre futebol, videogame, desenhos, gosto de desenhos mais não os que eles comentavam, de meninas, a forma que eles tratavam as mulheres, de uma forma banal, meio que um objeto em que você só serve de prazer e nada mais (ENTREVISTADO 1, 2016, informação verbal concedida em 10/10/2016).

A homofobia em sala de aula atingiu diretamente a subjetividade do Entrevistado 1. Por meio de ataques psicológicos, ele diz que o chamavam de “viadinho, bicha”, e que quando eram divididos os grupos para a realização de trabalhos, ele sempre sobrava, ou seja, o Entrevistado 1, na maioria das vezes, não era incluído em grupos por mais que tivesse amigos, visto que, segundo sua interpretação, ninguém desejaria trabalhar com um “viadinho”. Dessa forma, o jovem sentia-se excluído no contexto da sala de aula. Sobre o resultado da homofobia, ele diz: “eu acho que o bloqueio que eu sinto” (ENTREVISTADO 1, 2016, informação verbal concedida em 10/10/2016), ele menciona que reprime o ato sexual diante de ter sofrido essa discriminação homofóbica nesse ambiente.

O Entrevistado 1, ao rejeitar seus desejos, em hipótese automaticamente isso vai afetar a sua relação com os outros e com ele mesmo. De acordo com Castanheda (2007), a homofobia afeta a subjetividade, o emocional da pessoa que sofre a discriminação e tem consequências. As vítimas carregam com consigo problemas interpessoais podendo surgir de diversas formas na vida dessas pessoas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurou-se analisar um caso de homofobia no ambiente escolar, a partir de uma entrevista qualitativa com um jovem, caracterizando um estudo de caso. Partir do pressuposto que a violência no contexto escolar produz consequências psicológicas na subjetividade dos sujeitos violentados, o artigo propôs conhecer a relação que a homofobia escolar tem na subjetividade do sujeito. Pode-se ver alguns problemas interpessoais diante dessa relação, efeitos no emocional, essa afirmação se faz de acordo com o participante da pesquisa mudar o seu semblante de um jovem alegre, ao falar da escola passou a expressar uma pessoa triste e resistente na abordagem do assunto nesse ambiente. E também um bloqueio na questão sexual, tem profundas dificuldades para se envolver afetiva e sexualmente com outro homem.

Propus, ainda, compreender a reação do participante da pesquisa em relação ao processo de ensino aprendizagem, e pude observar que na sala de aula o entrevistado sofria ataques psicológicos, chamavam – o de “viado, bicha”, e não era incluído em grupos de trabalhos o que gerava em si um sentimento de “excluído”, a escola era conservadora, heteronormativa e religiosa, não havia respeito às diversidades sexuais. O jovem hoje é formado em um curso técnico e trabalha na área da saúde.

A partir da percepção do jovem pude ver que alguns professores praticaram a homofobia em sala de aula, agindo-os de forma agressiva, irônica e com piadas, visto que um professor ético, comprometido com o seu trabalho, a educação, não tinha esse tipo de comportamento frente à outra pessoa, a um aluno/aluna apenas com uma orientação sexual diferente da dele. Faz se necessário debater gênero e sexualidade na escola e esclarecer dúvidas dos alunos que em hipótese poderá vir a contribuir para a diminuição de violências e situações hostis expostas as pessoas de orientação homossexual e colaborar para uma sociedade mais tolerante as diversidades e menos machista.

Algumas conclusões resultados dessa investigação: a homofobia na escola prejudica as relações da pessoa de orientação homossexual com os demais colegas, com o social e com si próprio, as violências psicológicas deixam marcas profundas no emocional, os colegas excluem o homossexual e tratam de forma diferente, e por fim, os profissionais da escola não estão preparados para lidar com as questões de gênero e sexualidade no ambiente escolar e acabam praticando a homofobia por, silenciar, agir de forma agressiva, com piadas taxativas e ironias.

Utilizou-se alguns autores para lançar um enfoque teórico ao objeto de estudo, que me auxiliaram a enxergar que a homofobia é caracterizada por discriminações psicológicas e físicas, e que o estado da Paraíba está em um dos índices mais altos de violências homofóbicas. Como também autores me ajudaram a perceber que a personalidade homofóbica, a rejeição, as violências impostas a quem se identifica pela sigla LGBTQIA+ pode ser uma introspecção inconsciente da sua própria homossexualidade, e por fim, Freud vem me falar com uma teoria que a homossexualidade é uma posição libidinal como qualquer outra.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BORRILLO, D. **Homofobia:** História e crítica de um preconceito. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BRASIL. **Relatório sobre Violência Homofóbica no Brasil:** Ano de 2012. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, 2013.

BROUGÈRE, G. **Brinquedos e companhia.** São Paulo: Cortez, 2004.

CARRARA, S.; LACERDA, P. Viver sob ameaça: preconceito, discriminação e violência homofóbica no Brasil. In: VENTURI, G.; BOKANY, V. (Org.). **Diversidade Sexual e Homofobia no Brasil.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2011, p. 73-87.

CASTANHEDA, M. **A experiência homossexual:** explicações e conselhos para os homossexuais, suas famílias e seus terapeutas. Tradução de Brigitte Hervot e Fernando Silva Teixeira Filho. São Paulo: A Girafa, 2007.

GERHARDT, T, SILVEIRA, D. **Métodos de pesquisa.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

PORCHAT, P. **Psicologia e diversidade sexual: para uma sociedade de direitos.** Conselho Federal de Psicologia. Brasília: CFP, 2011.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração.** 2. ed. São Paulo: Atlas, 1998.

WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade.** Coleção psicologia psicanalítica, tradução: José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro. Imago Editora LTDA, 1975.

ENTREVISTA CONCEDIDA

ENTREVISTADO 1. **Homofobia no contexto escolar.** [Entrevista concedida a] Felipe Salviano Ramos. Paraíba, 10 de outubro de 2016.